

O ESTALO DO PADRE VIEIRA E EU

Manoel Valente Barbas

Resumo: *A experiência de um jovem, em Salvador, Bahia, diante de uma relíquia autêntica e histórica que fala de bem perto do famoso Padre Vieira, no ano do quarto centenário de seu nascimento.*

Abstract: *A young man's experience in Salvador, Bahia, when holding the authentic and historical relic that changed the life of a catholic priest, Father Vieira, who had been born 400 years into the past.*

Agora que estamos nos preparando para o quarto centenário do nascimento do Padre Vieira, ocorre-me uma experiência que tive em Salvador, há bem uns cinquenta anos.

Desde criança havia ouvido falar no estalo do Padre Vieira. Este jovemzinho que no século XVII viera para o Brasil e estava estudando para tomar os votos em Salvador, Bahia. Acontece, como todo o mundo sabe, que a sua grande vontade na vida era ser orador sacro mas, segundo as suas próprias palavras, sentia que havia algo em sua mente que lhe toldava o entendimento como se estivesse coberto por um escuro véu. No entanto, quando tinha 17 anos, orando aos pés de uma imagem da Virgem Maria, diz ele, foi envolto numa luz extraordinária. A partir daí, segundo ainda as suas palavras, passou a possuir uma “tenacíssima memória” que o permitiu ser um dos maiores oradores sacros que se tem notícia no Brasil.

Com a sua morte, em 1697, esse fato milagroso foi divulgado, em carta que o Padre Reitor do Colégio da Bahia enviou para a Corte de Lisboa. Logo depois, quando o corpo de Vieira foi trasladado para Portugal, nas suas exéquias, a mesma história foi repetida. Somente em 1747, quando foi escrita uma biografia desse famoso padre, é que o autor transformou o clarão que envolveu o estudante a sacerdote em um fortíssimo estalo na cabeça “que lhe parecia que morria”.

Pois bem, em 1958, fui trabalhar na Bahia, em um arroubo, por ser um lugar histórico por excelência e mais: por procurar novo caminho na vida (deixando de ser funcionário público), pelo atrativo financeiro do emprego e pela oportunidade de me enfrontar em novas técnicas de engenharia que, aliás, me valeram grandemente no futuro. O serviço era em Mataripe, nas obras de ampliação da refinaria da Petrobrás. Na primeira oportunidade, fui conhecer Salvador. Era feriado (8 de dezembro, por coincidência dia de Nossa Senhora da Conceição), muito festejado na cidade. No Centro, na Catedral da Sé, imponente, dourada com sobriedade, geométrica, austera, clássica. Dizia a história que o Padre Vieira tivera o seu estalo, junto ao altar daquela igreja. Logo à porta, vi um jovem padre (talvez um noviço) se aproximar; me apresentei como recém-chegado à cidade, curioso de história, querendo conhecer a célebre imagem que operara o milagre do Padre Vieira. O religioso não hesitou e foi, sem regatear, sem se admirar (já um verdadeiro milagre pela presteza) mostrar-me a imagem de mais de trezentos e cinquenta anos: uma Nossa Senhora não muito grande (de uns 35 centímetros de altura), gordinha, rosto largo, toda de prata, de roupa escorrida (isto é, sem os esvoaçantes panejamentos barrocos), lavrada com alguns relevos. Nada de espiritual, no sentido de ser lânguida, afilada, mas sólida, metálica, pesada.

Pela surpresa, pela alegria de ver a relíquia, uma curiosidade daquelas, pela presença do sacerdote discreto, não tive tempo hábil de pedir para mim, egoisticamente, um milagre igual ao do Padre Vieira. Perdi a oportunidade e sai como cheguei, somente mais rico de experiência e daquela boa imagem na memória.

Em outras ocasiões, voltei àquela Igreja, mas me informaram que a imagem havia sido recolhida para restauração e para ser guardada em museu. Não seria mais exposta, como fora para mim, por segurança, devido ao seu valor material e histórico.

Ficou-me na memória a imagem de prata, de pequena estatura, rechonchuda, uma Nossa Senhora não convencional, mas madura, uma mãe compreensiva, de regaço farto para as imensas necessidades da alma humana. Para mim, conhecê-la, nesse imenso e dispersivo universo histórico brasileiro, foi um verdadeiro milagre que só o Padre Vieira compreenderia. E, depois, falava-se muito do milagre, mas do santo nenhuma palavra, o que agora já não é verdade.